

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO:—SECÇÃO DOCTRINAL: *Os syndicatos*, pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Padre Roberto Maciel. — SECÇÃO CRITICA: *Biblia*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida. — *A consciencia e o livre arbitrio*, por «Uma machina pensante». — SECÇÃO LITTERARIA: — *A Milicia Christã*, (2.^a parte), pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *Paluvreado*, pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *A mocidade de S. Eloy*. — SECÇÃO HISTORICA: «Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus»: *P. Espirito Perenas*, e *P. Jacques Febure* pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *S. Salustino, confessor*; *Morte de Absalão*. — RETROSPECTO.

Gravuras: *S. Salustino, confessor e Morte de Absalão*.



S. SALUSTINO, CONFESSOR

SECÇÃO DOCTRINAL

OS SYNDICATOS



Is a obra social por excellencia. E' Leão XIII que nol-a recommenda para salvação do povo, collocando-a em opposição á corrente bem organizada das seitas.

O padre, e porque não? póde tomar parte n'uma corporação agricola e horticola, até como membro activo.

Nas aldeias, tanto quanto seja possível, o padre deve ser o iniciador dos syndicatos e corporações. Deve estudar a sua organização e vantagens para assim grangear as sympathias d'aquelles que deseja ver agrupados christamente. O ministro da egreja deve fazer-se «tudo para todos». Deve mostrar ao povo que a nossa religião não só nos assegura uma bemaventurança, além da campa, mas tambem, melhor do que qualquer instituição, nos offerece dias de paz, de felicidade e bem-estar no mundo.

Ainda não ha muito que os Bispos do Canadá, vendo que era grande a emigração dos francezes, que, de dia para dia, iam faltando braços á agricultura, pensaram sobre o assumpto, que era da mais alta importancia, e chegaram á conclusão muito racional de que o filho do povo não abandonaria a sua terra se acaso encontrasse meios de subsistencia no torrão que o viu nascer.

Era necessario, pois, falar ao povo, instruil-o, ensinar-lhe pelo menos o indispensavel para colher bons fructos da terra que cultivava: era necessario fazer algumas conferencias, em que se lhe fallasse dos seus deveres, dos seus prazeres e pezares, da sua peregrinação sobre a terra, do seu ultimo fim, e, n'uma palavra, de tudo quanto fosse seu verdadeiro interesse: angariados os co-

rações, salvas estavam as almas, em mar de rosas navegava a sociedade.

E esses santos Prelados a tanto se sacrificaram, enviando para as aldeias alguns presbyteros encarregados d'uma missão tão christã, tão humanitaria e civilisadora!

«A corporação, disse com são criterio o cardeal Goossens, é nas mãos do clero o meio mais efficaz para conservar milhares d'almas na fé e nas praticas da vida christã, e subtrahil-as á acção do socialismo, que sonha e pensa em fazer d'ellas os artistas da desordem e da anarchia».

E acrescenta: «Devemos trabalhar para que nenhuma das nossas parochias, ainda a menos populosa, seja privada d'uma instituição d'este genero».

A' obra, pois, dos *Syndicatos*. Importa por isso mostrar o que é o verdadeiro *syndicato*, pois que os ha perigosos, quaes as formalidades e condições para a sua formação.

— Os syndicatos ou associações profissionaes são agrupamentos de individuos que exercem a mesma profissão, officios similares ou profissões connexas, isto é concorrendo todas ellas para a fabricação d'objectos determinados. O numero dos seus membros póde ser illimitado, abrange os patrões e operarios, maiores e menores, homens e mulheres, que exercem a mesma profissão, e estão reunidos sómente pelo laço d'um trabalho similar ou connexo.

O *syndicato* póde ser *simples* ou *mixto*. A primeira fórma é perigosa. O *syndicato* de patrões será quasi sempre o inimigo do *syndicato* de operarios e *vice-versa*.

No *syndicato mixto*, porém, isto é, no *syndicato* formado por patrões e operarios, tanto uns como outros poderão conhecer-se, amarse, coadjuvar-se mutuamente, defender os interesses geraes da sua profissão.

Desapparece pois, o antagonismo sendo da mais alta importan-

cia os interesses que elles pódem proporcionar aos seus membros.

Todavia, nos *syndicatos mixtos* é indispensavel conservar sempre uma certa distincção entre estes dois elementos, não formando com elles uma mistura confusa; pois, embora uns e outros tenham um interesse commum, é certo tambem que cada um d'elles tem interesses distinctos.

A estes *syndicatos* pódem pertencer individuos que não exerçam a mesma ou até nenhuma profissão; mas serão considerados como *protectores* sómente, ajudando-os com as suas dadas, conferencias, etc.; e de nenhuma maneira poderão occupar-se officialmente da administração do *syndicato*.

Estes *syndicatos* profissionaes teem por objecto exclusivo o estudo e defeza dos interesses economicos, industriaes, commerciaes e agricolas.

Além dos seus estatutos, teem o seu regulamento interno.

Conforme os seus fundos, diversos são os meios que o *syndicato* póde pôr em pratica, para bem dos seus membros.

Pois é na formação dos *syndicatos*, de que hoje estão lançando mão os socialistas, que devem tomar parte os catholicos, fazendo por que nelles entre sempre o elemento religioso: descanso dominical, missa dos operarios, conferencias aos domingos e dias sanctificados, boas leituras, moraes e instructivas, jogos e divertimentos licitos, etc.

E o trabalhar é agora, emquanto ainda nos é dado algum logar e tempo.

O padre, sobretudo, como diz Leão XIII, não se limite á missa e breviario; saia da sacristia, desça ao meio do povo converse com elle, diga-lhe a verdade, que elle ignora, seja para elle o *sol da terra e luz do mundo*.

Isto é que é trabalhar, amar a humanidade, honrar e louvar a Deus.

Santa Martha.

SECCÃO CRITICA

Biblia

(Continuado de pag. 113)

DEPOIS d'isto subiu Moysés outra vez ao monte a pedir perdão a Deus para o grande peccado que Israel acabava de praticar, e a trazer novas Tabuas da Lei, porque as que trouxera elle as despedaçara ao ver o tal bezerro d'oiro.

BOOZ. Filho de Salmon filho de Nahasson. Tendo desposado a Ruth, veio a ser bisavô de David, porque d'ella teve a Obed que foi pae de Jesse ou Izai que o foi de David. V. *Noemi*.

BOSQUE DE EPHRAIM. N'este bosque é que Joab matou a Absalão que viu pendurado pelos cabellos na ramada d'um carvalho, aonde o macho que montava o deixou na carreira; porque o filho de David, vendo-se derrotado, havia fugido do lugar do combate. V. *Absalão*.

BOSRA. Capital da Idumeia.

BRUTALIDADE. Todo aquelle que coitar com irracionaes, diz a Lei de Moysés, será punido de morte conjunctamente com o animal.

Não é ao rigor d'esta lei que chamamos «brutalidade», mas sim á causa da sua promulgação.

CAATH. Filho de Levi filho de Jacob e de Lia. Teve 4 filhos: Jezaar, Hebron, Oziel e Amrão ou Amram que foi pae de Moysés, d'Aarão e de Maria.

CABEÇA. Dançando um dia a filha de Herodias, mulher de Philippe irmão de Herodes, em presença do mesmo Herodes, ficou este tão... agradao d'aquella *rara beldade* que lhe prometteu tudo quanto ella lhe pedisse. E tendo-lhe a *pequena*, por conselho de sua mãe, que se dava com Herodes, pedido a cabeça de S. João Baptista que Antipas havia mandado prender por elle lhe ter dicto que não devia ter Herodias por mulher, Herodes o mandou degolar á prisão, para fazer a vontade á joven dançarina, a quem foi trazida a cabeça de João n'uma salva de prata que ella apresentou a sua mãe.

CABEÇA DE BURRO. Tendo Benadab Rei da Syria em certa epocha do Propheta Elyseu sitiado a Samaria de Joram, tal foi a fome que no fim d'algum tempo de cerco assolou a cidade, que uma *cabeça de burro* se chegou a vender por 80 moedas de prata, tendo até algumas mães pobres chegado a comer seus proprios filhos, o que tendo sabido Joram Rei de Israel quiz matar o Propheta que lhe disse: «Amanhan a esta hora dar-se-ha um *modio* de farinha

por um *estater*, e por um *estater* se darão dois *modios* de cevada ás portas da Samaria». E assim foi, porque, tendo Deus na noite immediata feito sentir aos Syrios um medonho estropito de carroças de guerra, fugiram espavoridos, deixando no acampamento, alem de todos os viveres do seu numerosissimo exercito, tudo o mais que alli tinham, como armamentos, cavallos, baixellas, etc. etc., sendo tudo isto levantado pelos Israelitas, que já não tinham senão 5 cavallos na sua cidade, porque já tinham devorado os mais, bem como os outros animaes em que abundava. V. *Lamentações*.

CADESBARNE. Fica a 11 dias de Horeb. Israel vagou 38 annos entre Cadesberne e a Torrente de Zareb.

CAIM. Primeiro filho de Adão. Foi agricultor. Matou o seu irmão Abel por inveja, porque offerecendo este melhores sacrificios a Deus, Deus o protegia mais do que a si. Teve Caim um filho chamado Henocho, cujo nome pôz a uma cidade que fundou ao nascente do Eden, para onde se havia refugiado depois do assassinato de seu irmão.

CAINAN. Filho de Enos filho de Seth. Teve um filho chamado Malalael. Viveu 910 annos.

CAIÇÕES. Aarão e seus filhos os uzaram por destinação, depois de sacerdotes do Tabernaculo, da cintura até ás côxas.

CAM. Filho de Noé. Tendo, depois do diluvio, feito troça de seu pae que, havendo bebido de mais, por ignorar os effeitos do vinho, achou n'uma posição pouco decente, Noé o amaldiçoou, não na sua pessoa que estava abençoada por Deus, mas na de seu filho Canaan, prophetisando-lhe ao mesmo tempo que a sua posteridade viria a ser sujeita á de seus irmãos, o que veio a succeder, quando os filhos de Jacob, vindos do Egypto, exterminaram e sujeitaram os habitantes das terras de Canaan no tempo de Jozué. Cam, depois da louca empreza da Torre de Babel, retirou-se para a Africa, aonde veio a ser o tronco dos Phenicios e dos Egypcios. Teve 4 filhos: Canaan, Cus, Mesraim e Futh.

CAMOS. E' o nome d'uma cidade e d'um idolo de Moab.

CANAAN. Filho de Cam filho de Noé. Teve 11 filhos: Sidon, Heth, Jekús ou Jebuz, Amorrh, Gerges, Hev, Arac, Sin, Arad, Samar e Amath ou Emath, d'onde vieram os cananeus que com seus diversos nomes se espalharam por diversas partes.

CANANEA. Passando Jesus um dia pelas partes de Tyro e Sidon, uma mulher cananea vinda d'aquelles confins, lhe appareceu e lhe disse: «Senhor, tem compaixão de mim, que tenho uma filha miseravelmente enfer-

ma»: ao que Jesus, sabendo que ella era idolatra, respondeu: «Não é licito tirar o pão da bôcca dos filhos para o dar aos cães». Porém, tendo-lhe ella respondido: «Assim é, Senhor; mas tambem os cachorros comem as migalhas que caem da meza de seus donos», lhe disse Jesus: «Grande é a tua fé, mulher. Faça-se como creste». E desde logo sua filha ficou sã.

CANDACE. Rainha da Ethiopia. S. Philippe lhe baptizou o seu eunuco mór, tendo-lhe antes feito crêr que Christo era o Filho de Deus.

CANNATH. Cidade de Canaan. Foi tomada por Nobe, esforçado mancebo israelita, que depois lhe deu o seu nome.

CAPHARNAUM. Cidade maritima para onde Jesus, tendo sabido da prisão de S. João Baptista, se dirigiu depois das tentações do diabo, e d'onde começou a sua Missão aos 30 annos d'idade, caminhando ao longo do mar da Galileia, em cujas praias encontrou os seus primeiros apostolos Pedro e André, Thiago e João, que logo o seguiram, deixando as suas rêdes, porque eram pescadores.

CAPTIVEIRO. O de Babylonia durou 70 annos.

CARIATH-ARBE. Nome que o monte, e talvez tambem a cidade de Hebron, havia tido antigamente. N'este monte foi sepultado Adão, o maior dos enacitas.

CARIATH-SEPHER. E' o nome que Dabir tivera lá na antiguidade. Cariath-Sepher quer dizer «Cidade das lettras».

CARIDADE. A Lei de Moysés recomenda á caridade: Em primeiro lugar a tribu de Levi, que era a consagrada ao serviço de Deus, e que não tinha herança entre seus irmãos, e em segundo o peregrino, o mendigo, o orphão, a viuva, etc. etc., terminando por dizer: «Entre os filhos de Jacob não deve haver pobres nem mendigos, para que Deus os abençõe em todas as suas coizas».

CASLUM. Filho de Mesraim filho de Cam. Foi o tronco dos captivinos.

CAVALLOS. Salomão tinha 40 mil para carroças de guerra e 12 mil para cavallaria, cuja sustentação estava a cargo dos seus governadores. V. *Governadores*.

CAVERNA. Quando a perversidade e a devassidão de Sodoma e Gomorrha tocou as raías do impossivel aos olhos do Criador, mandou Jehovah dois anjos á terra, para as fazer perecer por meio de fogo vindo do ceu, ou dos astros, porque, tal era a corrupção d'estas cidades, que não havia n'ellas nem um só justo, á excepção de Loth e sua familia, o que sabendo os anjos, se dirigiram a elle e lhe disseram o que iam fazer, mandando-o sair com sua

mulher e suas filhas. Então Loth, deixando Sodoma, se dirigiu a Segor, aonde pouco se demorou; porque, temendo que lhe viesse a succeder o mesmo, a deixou passados dias, subindo a um monte aonde, tendo encontrado uma gruta ou caverna, se mettu n'ella com suas filhas, que a este tempo já não tinham mãe, as quaes, cuidando que na terra não havia mais do que ellas e seu pae, tractaram de o embriagar... para assim puderem conseguir seus fins, tendo a mais velha dado á luz um filho a quem poz o nome de Moab, e a mais nova outro a quem chamou Ammon. V. *Mulher de Loth*.

CAZA DE DEUS. Tendo o Senhor, depois dos tristes acontecimentos da cidade de Sicheu, Siquem ou Salem dicto a Jacob o que havia de fazer e para onde havia de ir, pediu este a sua familia os deuses que Rachel havia furtado a Labão e os enterrou debaixo d'um terebinteiro que estava por detrás da cidade, dirigindo-se em seguida, com quanto lhe pertencia a Luza ou Bethel, lugar da Vizão do prometimento da terra em que dormia indo de Canaan para Mezopotamia, aonde, tendo chegado a salvo, isto é, a Bethel, aonde se estabeleceu, levantou um altar ao Senhor, a que chamou «Caza de Deus». V. *Vizão de Jacob*.

CAZA DO DESCALÇADO. Quando um irmão solteiro morar com seu irmão cazado, diz a Lei de Moysés, e o cazado morrer sem filhos, cazará o solteiro com a viuva de seu irmão para lhe suscitar descendencia, pondo ao primeiro filho o nome do defunto. Se porem se recuzar a cazar com a viuva, esta se apresentará aos anciãos da localidade, que o mandarão chamar para averiguação da verdade e, feita a declaração de que não quer cazar, a viuva, diante dos mesmos anciãos, lhe tirará o sapato d'um dos pés e lhe cuspirá na cara, dizendo: «Assim será tractado todo aquelle que se recuzar a edificar a caza de seu irmão, sendo que a sua se ficará chamando em Israel a «Caza do descalçado».

CAZAMENTO. Na Lei de Moysés só era permittido sendo ambos os conjuges da mesma tribu, por cauza dos bens d'uma não passarem para outra.

CEIA. O pão e o vinho que Jesus deu a seus apóstolos, dizendo do pão: «Este é o meu Corpo» e do vinho: «Este é o meu Sangue», representa a instituição do Sacramento da Eucharistia para sempre, porque, tendo-lh'os dado a comer e a beber, accrescentou: «Fazei isto em memoria de Mim».

CENTURIÃO. Quer dizer «Comandante de cem homens». Tendo Jesus um dia entrado em Capharnaum, se chegou a elle um centurião a pedir-lhe a cura d'um seu servo que tinha á

morte e, tendo-lhe o Redemptor dicto que iria a sua caza, lhe tornou: «Senhor, eu não sou digno de que entreis na minha pobre morada: manda-o com a tua palavra e o meu criado ficará são»: ao que Jesus respondeu: «Vae. Seja como crêste». E aos circumstantes, disse: «Na verdade vos declaro que ainda não vi tamanha fé em Israel». E quando o centurião entrou em caza achou o criado como se nunca tivesse estado doente.

CEPHAS. Sobre nome ou appellido porque S. Pedro tambem era conhecido.

CETURA. Segunda mulher d'Abrahão a quem deu 6 filhos: Zamram, Jeczan, Madan, Madian, Jesboc e Sué.

(Continua.)

ALVES D'ALMEIDA.

A consciencia e o livre arbitrio

FOMOS visitados no mez d'agosto passado pelo snr. dr. Bombarda. Disse-nos o snr. Carlos Porto, tenente d'artilheria, que o acompanhava, que elle era lente de Physiologia na Escola Medica de Lisboa, e director do hospital de Rilhafolles. Examinou o nosso museu zoologico, a livreria, o telephone, etc., e disse-nos que se admirava de vêr este progresso scientifico em Vizella.

Gostamos da sua pessoa, tractavel, bondosa, e, pelo aspecto e suas lunetas transluzentes, pareceu-nos um grande talento.

Agora vêmos annunciando nos jornaes o seu livro, acima intitulado.

Obtivemos um exemplar; lêmos algumas paginas e formamos um juizo synthetico.

É um livro esplendido, de fazer ecco e ribombo no meio das sciencias e das escolas modernas. Mas, permitta-me S. Ex.^a e a imprensa periodica, para a qual raras vezes escrevemos, que eu lhe faça respeitosamente, algumas criticas, considerações e argumentos contrarios; pois, não temos tempo, nem saude para escrever um volume. S. ex.^a, que se assenta n'um throno magistral, e nós, cá n'uma aldeia, sobre um penêdo, de certo, não nos ouvirá, atravez das ondulações acusticas. Mas não importa. O nosso fim é prevenir a mocidade sobre os erros d'um livro darwinista, pomposo, seductor, que pôde illudir os academicos, que se deixam electrizar pela leitura dos máos livros, romances e jornaes; que a precipita nos vicios, e estes os arrastam aos cemiterios. Os máos livros são a leitura da gente da moda, mas tambem os cemiterios estão cheios de gente da moda.

S. Ex.^a parece-me um Haeckel, fanatico darwinsita na Allemanha, patriarcha do monismo, a quem V. Ex.^a dedica o livro, e um snr. dr. Ricardo Jorge no Porto, que fizeram grande barulho no meio das sciencias philosophias contemporaneas; e nada fizeram!...

O snr. dr. Bombarda quer arrazartudo, e fazer resuscitar a theoria de Darwin, mil vezes enterrada pelos maiores sabios dos nossos dias.

Em linguagem chimica, philosophica e pomposa, exalta a Biologia, desafia as *sciencias velhas* todas. Vae á Anatomia e resolve a questão eterna do *principio vital*; vae á physiologia e resolve a questão da *sede* dos phenomenos intellectuaes, contra a opinião da maioria dos phisiologistas modernos, que concorda n'este principio—os phenomenos intellectuaes resultam do concurso harmonico das partes as mais diversas dos dois hemispherios cerebraes.

Vae á Physica, e manda-lhe abrir todas as portas; vae á Chimica e manda-lhe abrir todas as janellas; vae á Historia Natural e manda-lhe abrir nova porta principal. A' Psychologia dá-lhe um ponta-pé. A Methaphysica desterra-a para as cavernas da Lua. Reprehende a Astronomia—por ella affirmar que o *cosmos* é materia *inerte*. Reprehende as sciencias mathematicas por ellas abstraiem as ideias. Ao Direito corta-lhe o tronco. A' Historia verdadeira dos factos dá um bofetão. Dá um abraço á Geologia, Antropologia e Paleontologia modernas, e pedelhes o seu auxilio. A' Theologia dá um murro cerrado, e á Moral catholica, o prégador do livre arbitrio arranca-lhe as orelhas e proclama a moral scientifica e o socialismo!

No prefacio diz S. Ex.^a que escreveu o seu livro *precepitadamente* e sem tempo, e depois—colloca a Biologia n'um throno de *marfim* no meio de todas as sciencias modernas, e manda aos seus discipulos e amigos que adorem *esta rainha*!... Mas não somos nós que a adoramos. Não, senhor, não adoramos idolos!... Respeito a V. Ex.^a como homem de talento, mas não creio nos seus erros e mentiras philosophicas.

A Biologia será uma sciencia? Duvido. Duvido? Nege, e vou demonstrar-o. E tambem poderei demonstrar que a Psychologia é a *unica sciencia* na ordem da aquisição dos nossos conhecimentos phylosophicos. Não admitto outras sciencias sem ella.

Sciencia é uma colleção de verdades *bem* demonstradas e methodicamente dispostas; mas o darwinismo, fundador d'esta pretendida sciencia, mil vezes enterrado pelos maiores sabios natura-

listas dos nossos tempos, especialmente por Pasteur contra Haeckel, até hoje ainda não demonstrou *scientificamente* uma só verdade; logo não pôde ser uma sciencia. Está demonstrado. Não é necessario occupar mais espaço na imprensa. Por consequencia, está o snr. dr. Bombarda *excommungado* pela Anatomia e Physiologia modernas, pela Psychologia, a quem deu um ponta-pé, pela Methaphysica, a quem desterrou para os cornos da Lua, e por todas as sciencias modernas que offendeu. Mais algumas demonstraões, se nos tornarem a provocar ao palco scientifico; mas demonstraões sérias e philosophicas. Senão preferimos o silencio. A nossa unica sciencia será o *eu*, consciencia psychologica, e o senso commum, e a excommunhão de todas as escolas philosophicas.

Para collocar a Biologia sobre um terreno firme e solido seria necessario que nos dessem uma definição logica e verdadeira de *vida*. A sciencia consiste em saber o *como* e o *porquê* das coisas.

Mas o que é a *vida*, senhores biologists? Elles respondem pela bocca de Claudio Bernard: é a morte. E o que é a morte? é a vida. E o que é a vida? é a morte. E o que é a morte? é a vida... circulo vicioso!... ora pêtas!... E querem fazer assentar n'un throno phantastico a Biologia, a rainha das sciencias!... Esperemos a vêr os milagres que ella fará. Por enquanto é uma *hypothese*. Mas V. Ex.^a por causa d'estas questões não me mande prender, e metter no hospital de Rilhafolles, nem venha fazer uma autopsia aos meus dois hemispherios cerebraes para me mostrar os neurones piramidass, um oceano infinito de neurones, sem auctorisação do Sê Regedor, senão eu clamo—aqui El-Rei—e protesto contra a *violação* do direito de propriedade!... Aqui El-Rei, que me querem roubar o meu instrumento de musica! Pois o eu diz-me, que os dois hemispherios funcionam bem. Salvos os accidentes.

A escola localista de Gall, Spurzheim, Lombroso, Taine, Leprine, Déjerine e Charcot e Binet não auctorisa os attentados.

V. Ex.^a não venha afirmar, sem demonstrar scientificamente, que entre o meu cerebro e o pensamento ha o oceano de *neurones*, a differença do maior ou menor volume do meu cerebro, a differença do peso, da composiçãõ chimica, d'uma acção dinamica invisivel, do calor que produz movimento, do phosphoro, das vibrações do ether, d'uma materia que não é ponderavel, nem imponderavel, do intermedio das bruxas, que eu sou uma machina pensante, que o cerebro é uma pilha ele-

ctrica etc., que o *ego*, a consciencia reflexa, protesta contra todas estas *hypothese*s irrisorias dos senhores materialistas modernos!...

• O tal *eu* certifica—que eu *sinto*, *penso* e *quero*, e até me diz o que eu *devo fazer*. Ensina-me todas as sciencias, subindo racionalmente até uma causa primeira; ensina-me os phenomenos e leis da vida, objecto da biologia. Por consequencia, não admitto nenhuma sciencia sem a sciencia do eu, a Psychologia. «Physiologus nemo nisi Psychologus» (Muller).

Nem me affirme que o pensamento é o movimento, porque eu vejo um comboio, movido por uma força; mas esta força não é um *pensamento*. O ether transforma-se em luz e côres; mas a sciencia não é capaz de me explicar a natureza do ether, e o eu reflexo diz-me o que é a luz e o que são as côres, e que a materia é *inerte*; mas o *pensamento* nem é o movimento, nem a luz, nem a luz electrica dos neurones, nem as côres, nem os neurones. A Physiologia moderna quer devorar a Psychologia, como o leão devora o cordeiro!...

Nos telegrammas vae a ideia, a noticia, mas o pensamento *vai e tornea* sem o aparelho de Morse e sem conductores! Fica *todo inteiro* dentro do eu, a conhecer tudo o que se passa dentro e fóra de mim!...

O meu *eu* não admite scepticismo. E' certo, certissimo, infallivel, tão intuitivo claro e evidente como a luz do sol, que me allumia a pupilla, o crystallino, o iris, a retina!

Os senhores evolucionistas materialistas appellam para Edison, que prometeu resuscitar os mortos e dar vista aos cegos pela electricidade!... Appellam para o dr. Luiz Büchner, allemão, que prometeu resolver o problema da —*distribuição equal da materia* e do dinheiro!... Ora S. Luiz o ajude a resolvel-o!...

(*Continua*)

UMA MACHINA PENSAnte.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.^a PARTE

XVI

Os cultos do Natal

Linda noite, que se grava
Na memoria, como feito
De tão suave, tal effeito,
Que conquista o coração:
E' da infancia doce enleio,
Que nos leva, no mysterio,
A buscar n'outro hemispherio
Nas delicias expansão.

A memoria d'essa aurora,
Que festiva e esplendente
Vem sorrir-nos docemente
Com meiguice sem equal:
Outros novos horisontes
Nos mostrando, tão formosos,
Onde santos vão os gosos
Da existencia racional.

A lembrança d'essa noite,
Em que Jesus apparece
Com a nossa sua prece
Já juntando, torno, aqui:
E formando da familia
Triste, humana o complemento,
Do carinho no portento,
Que mais bello nos sorri.

Isso dizem lá no templo
D'alta noite as harmonias
Das compactas alegrias
Da celeste festival:
Dos canticos, que celestes,
Por primeira vez no mundo
Vem seu echo tão jocundo
Deixar ouvir ao mortal.

Consentindo se misture
Já com elle, na harmonia,
A linguagem pobre e fria
Dos pobres filhos d'Adão:
E' nascido na familia
Jesus santo, que a estremece,
Nobilita e enaltece,
E os anjos honra nos dão.

N'essa noite nossos templos
Vem-se abertos e festivos,
E estão cheios d'attractivos,
Para quantos temos fé:
Celebrando a bella aurora
Das delicias, rico inicio,
O bendito natalicio
De quem nossa vida é.

E lembrando que sem Elle
Eram tantos os agravos,
Que nos tinham feito escravos,
Para sempre, de Belial:
Se nos torna d'essa noite
Mais completa a complacencia,
Que não teve competencia
Nem no eden primordial.

E' por isso que esses cultos
Nos perfumam os altares,
Exemplos, campos, ruas, lares
E passeios ao luar:
Não somente n'esta terra
Da fé classico baluarte,
O Natal por toda a parte
Vem os povos a alegrar.

Da familia como timbre,
Que todo o lar nobilita,
Brisa de paz, que, bendita
Vem os membros sempre a unir
E se busca n'esta noite
Com affecto vivo e terno,
Como nunca, o lar paterno,
Para orar e para rir.

E triste do desterrado,
Que se topa n'outra casa
Aquecido a extranha brasa
N'essa noite do Natal:
Sentindo da nostalgia
Os profundos azedumes,
E a lembrança dos costumes
Do nosso lar maternal.

Mas, se crente, se medita,
Nos festejos do menino
Acha-se um quê de divino
Ahi, como aqui e alem:
Porque forma o povo crente
Uma só familia humana,
Que, com justiça, se ufana
Com Jesus, o nosso bem.

E nas salas, nos passeios,
E nas cartas, nos vestidos,
Nos colloquios divertidos,
No trabalho e na oração;
N'esse tempo venturosas
Vemos que tem as potencias
Em Jesus as complacencias,
Que mais ama o coração.

A 1.ª estrophe do canto — «Cultos da Se-
mana Mór» — publicado no n.º anterior é como
segue:

Luto da Corte celestial parece
Que commemora nossa Mãe a Igreja,
Em esses threnos, que com voz convulsa,
Terna solfeja.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Palavreado

LINGUAGEM deve ser natural, sim-
ples e expressiva, e não affectada,
exquisita e extravagante. A boa lingua-
gem só se adquire com a muita e bem
dirigida lição dos bons auctores, dos
auctores que são considerados geral-
mente como classicos.

Não é menos certo que em muitos
casos essa linguagem provem da pro-
pensão natural do individuo.

Porquanto ha pessoas que, apesar
da sua erudição e vasta leitura, teem
uma linguagem embrulhada, confusa,
inintelligivel. Podemos chamar a isto
palavreado.

Segundo os melhores mestres de elo-
quencia, quando as palavras são puras
e expressivas, ornadas e bem colloca-
das, nada mais ha a desejar. O cuida-
do excessivo em buscar palavras anti-
gas, exquisitas e exóticas, ou novas e
desusadas, mostrando muita arte, é
um grande vicio.

A desordem ou confusão de pala-
vras n'um artigo ou discurso; os pa-
renthesis extensos e bastos; a ambigui-
dade resultante da má composição; a
verbosidade inutil, a brevidade dema-
siada; a desmesurada extensão dos perio-
dos; tudo isto se oppõe á virtude da
clareza, que é a principal de toda a
oração.

Taes defeitos são palavreado que não
produzem o seu devido effeito.

Denomina-se vulgarmente palavrea-
do qualquer discurso que consta de
palavras superfluas e de ordinario va-
zias de sentido. Tambem se lhe dá o
nome de loquacidade, garrulice, taga-
rellice, palanfrorio.

Em tudo se quer certa ordem e re-

gra. Podemos dizer com Horacio: *Est
modus in rebus.*

O muito palavreado, as mai* das ve-
zes, não é prova de grande sciencia, e
muito menos de bom discernimento. Em
todo o caso, é preferivel a concisão e
a clareza, com tanto que haja exactidão
no pensamento e não se omita o essen-
cial do ponto de que se trata.

Quem muito falla pouco acerta, diz
um antigo proverbio. E é verdade. E,
supposto que isto admitta excepção,
como toda a regra, é certo que em ge-
ral se verifica aquelle principio.

Quantos discursos e artigos se ou-
vem e leem, muito eruditos, cheios de
muita rhetorica, verbosissimos, mas
obscuras, desordenados, sem logica!

No concilio de Trento assistiram tres
Prelados portuguezes, distinctos por
suas virtudes e por seus talentos. To-
dos se deram a conhecer n'aquella
grande assembleia ecclesiastica por sua
eloquencia; em todo o mundo resouo o
nome d'esses famosos oradores, orna-
mentos do pulpito christão.

A sua eloquencia manifestou-se de
differente modo. Mas, primeiro que
tudo, digamos os seus nomes.

Era D. João Soares, Bispo de Coim-
bra, eminentissimo no ministerio do
pulpito, venerado por todos como se-
gundo Demosthenes. Tinha sido reli-
gioso da Ordem dos eremitas de Santo
Agostinho.

Era D. Fr. Gaspar do Casal, Bispo
de Leiria, e que fôra mestre do prin-
cipe D. João, pae d'elrei D. Sebastião.

Era finalmente D. Fr. Bartholomeu
dos Martyres, Arcebispo de Braga,
grande oraculo do Concilio, respeitado
por todos os Prelados e pelo Summo
Pontifice.

Estes Prelados portuguezes honra-
ram a sua patria em Trento, e d'isso
deu testemunho todo o mundo com um
elogio que correu geralmente.

Para exprimir o seu talento oratorio
foi applicada a cada um d'elles uma
breve phrase que annunciava a sua elo-
quencia.

Dir-se-ia, pois, que um fallava *multa
paucis*, muito em pouco. Era este o
Arcebispo de Braga; porque com admi-
ravel concisão e clareza resumia em
breves rasões altas sentenças.

Outro diria *pauca multis*, pouco em
muito. Era o Bispo de Coimbra; por-
que era muito verboso, sendo a sua
eloquencia torrencial, supposto que pa-
recia pouco o que queria dizer.

O terceiro, enfim, diria *multa multis*,
muito em muito. Era o Bispo de Leiria;
porque tinha conceitos agudos e os dis-
punha maravilhosamente. Os seus dis-
cursos, sendo verbosos, eram substan-
ciaes.

Ora é certo que todos estes orado-
res agradavam, sendo geralmente admi-

rados no Concilio; mas dava-se prefe-
rencia aos discursos do veneravel Ar-
cobispo de Braga: a sua eloquencia era
verdadeiramente apostolica. Tinha mais
logica do que rhetorica; porque em pou-
cas palavras dizia muito.

Convem notar que os homens são
naturalmente rhetoricos e logicos; ain-
da o mais ignorante procura palavras
para melhor persuadir. O melhor meio
de conseguir este fim, as regras que
se devem observar para o fazer agra-
davelmente, eis o que em summa se cha-
ma propriamente rhetorica.

A natureza é que deve fornecer os
pensamentos; a arte ensina o modo de
os pôr em boa ordem, e de collocar as
palavras, para que exprimam perfei-
tamente o que se pretende.

Fundado n'estes principios raciona-
veis, direi que é condemnavel um dis-
curso ou artigo em estylo inchado, em
exoticos, em linguagem confusa. Exa-
ctidão, precisão e clareza: taes são os
predicados que deve ter um bom dis-
curso.

Ha certos assumptos que, sem du-
vida, demandam extensão e uma lin-
guagem propria, como, por exemplo,
tratando-se de materia scientifica ou
philosophia. Um theologo, um medico,
um physico, um mathematico, etc., for-
çosamente devem empregar palavras e
phrases technicas, que muitas vezes
são inintelligiveis para as pessoas es-
tranhas ás respectivas sciencias.

Isto sim. Quando, porém, se falla
ou escreve para o publico em geral, é
necessario usar d'outra fórmula. No pul-
pito e nos jornaes, sobretudo, convem
toda a clareza e precisão.

Não quero dizer com isto que o ora-
dor ou escriptor deixe de servir-se de
palavras pouco vulgares ou scientificas;
mas, ainda n'este caso, o seu uso deve
ser moderado e disposto, de forma que
se entenda o que quer dizer.

O contrario d'isto é palavreado. E'
palavreado condemnado pelas instru-
ções da verdadeira eloquencia.

Com relação á imprensa periodica,
cumpre-me dizer que, na minha opinião,
os artigos sobre qualquer ponto não de-
vem ser muito extensos em cada nu-
mero do jornal, nem tão curtos, que
pareçam uma breve noticia, á imitação
d'alguns capitulos do *Espirito das leis*
do celebre Montesquieu.

Não seria tambem conveniente resu-
mir algumas noticias, como as da guer-
ra hispano-americana, que agora publi-
cam os jornaes?

Ha muita gente que, pegando n'um
jornal, e encontrando um artigo de 4
ou 5 columnas, passa adiante, ou atira
o jornal para o lado. E chama-lhe *ar-
tigo maçador*.

Mas quem assim faz nunca sabe nada.
E' preciso ler. No emtanto deve-se



A MORTE DE ABSALÃO

confessar que a demasiada extensão é defeito, e muitas vezes nada explica. E' palavreado inutil. Não raro é muita palha e pouco grão.

Concluo por dizer: haja exactidão, precisão e clareza.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

A Mocidade de S. Eloy

S ELOY o celebre protector dos serralheiros, dos ourives, e de todos os artistas que trabalham em metaes, antes de ser um grande sancto, foi um ferreiro muito habil e muito apaixonado da sua arte.

Esta paixão dominava-o sobre todas as outras, e não obstante deixou-se vencer pela peor de todas: o orgulho.

Ninguem, com effeito, podia competir com elle na sua arte: dir-se-hia que no concavo da sua mão tinha o fogo da sua forja, tal era a exactidão com que calculava o grau e a força do calor. A um signal seu o ferro candente tornava-se frio como por encanto; e

apenas saia da forja, torcia-se como uma massa sob as pancadas rapidas do seu martello; emfim fazia do ferro o que um musico habil faz do seu instrumento.

Eloy pois tinha invejosos, mas ninguem que o igualasse. Vinham consultal-o de longe, e viam-se os mestres mais habéis estudar humildemente sob a sua direcção e na sua presença. Emfim n'aquelle tempo só se fallava em Eloy como sem igual na sua arte.

Um dia, inchado de soberba, levado pela vangloria e offuscado pela sua fama, ousou pôr por cima da sua porta a seguinte taboleta:

O Mestre dos Mestres, o Mestre acima de todos.

A fama de Eloy estava de tal forma estabelecida que os ferreiros da vizinhança, longe de se indignarem com esta fanfarronada de Eloy, calavam-se, confessando a sua superioridade, e de boa vontade se descobriam ao passar por aquella forja onde se faziam verdadeiros prodigios. Por vezes acontecia passar algum estrangeiro que ao ver a taboleta, desatava ás gargalhadas, e entrava logo para ver o *mestre dos mes-*

tres, o mestre acima de todos. Apenas entrado, ao ver o ferreiro em acção, tão forte e tão dextro, tão socegado e ao mesmo tempo tão activo, no meio das obras primorosas, saídas das suas mãos, ficava aturdido, estupefacto, sem vontade mais de rir-se; e depois de o ter contemplado por algum tempo em silencio, retirava-se lentamente e humilhado. De resto, mestre Eloy, salvo esta fraqueza, era um operario exemplar pela regularidade da sua vida laboriosa e christã. Tinha entre os meritos que lhe fizeram achar graça deante de Deus, uma singular devoção ao seu Anjo Custodio a quem se encomendava muitas vezes durante o trabalho.

Ora o Anjo temia muito pela salvação do seu devoto, e duvidava, se elle não mudasse, de poder ter um dia o prazer de conduzir a sua alma ao Céu: teve pois compaixão da sua fraqueza, e obteve de Deus a permissão de dar-lhe um aviso salutar, e eis como.

Um dia mestre Eloy estava só na sua officina, e contemplava os firmes contornos e as cinzeladuras delicadas de uma poltrona de ferro e de bronze que elle tinha acabado n'aquelle mes-

mo dia, e a mesma que, não obstante o que dizem os sabios, se admira no thesouro de S. Diniz, e que a voz popular denominou depois a *Cadeira de Dagoberto*.

N'este genero era o primeiro ensaio de mestre Eloy, que até então só tinha emprehendido trabalhos de ferreiro proprios para o campo, de serralheiro e de ferrador, emfim fabricava toda a obra de ferraria, excepto os objectos de luxo e de arte que se faziam na cidade pelos ourives e cinzeladores.

Ora este ensaio era uma maravilha.

Indo a passar um joven operario, que pelo seu trajar, e pelo sacco de ferramenta que trazia ao hombro, mostrava ser collega de Eloy, parou de frente da porta d'este, e olhando para a taboleta leu a famosa inscripção, e sorriu-se, e começou a olhar para dentro da officina, procurando ver o orgulhoso chefe que a dirigia.

Depois de alguns momentos entrou, e achou-o em contemplação deante da sua obra.

—Sois vós, disse elle, o mestre dos mestres, o mestre acima de todos?

—Sim, respondeu Eloy, sem se voltar, sem olhar, acostumado já a semelhante pergunta.

—Mestre, venho de longe; tenho já corrido o mundo, e trabalhado em casa dos mestres mais afamados, não os deixando nunca senão quando elles me dizem:

«Já sabes tanto como eu, e nada mais tenho a ensinar-te, e por isso podes retirar-te.» Mas ainda não achei um homem, assaz habil para merecer ou ousar tomar o titulo de *mestre dos mestres, e mestre acima de todos*...

Eis porque dar-me-heis grande prazer, concedendo-me a graça de trabalhar sob a vossa direcção, e dando-me licções, de que tenho muita necessidade para chegar á perfeição do meu officio.

Eloy lançou um olhar de protecção sobre o joven que assim lhe fallava, e sorriu-se vendo as suas mãos tão brancas e os seus membros tão delicados.

—Mas, meu rapaz, lhe disse, que poderás fazer aqui? N'esta forja não se trabalha em joias nem em collares nem em brincos e arrecadas, trabalha-se em ferraria, e eu preciso de um homem e não de uma creança como tu.

—Mestre, replicou o estrangeiro sem se alterar, ninguem se deve fiar d'aquelle que falla de si, louvando-se; ponde-me no vosso trabalho e vereis.

—Insistes pois em entrar aqui?

—Sim, mestre.

—Seja. Julgo que perdes o tempo, mas para não te desgostar, concedo-te que trabalhes na minha presença. Eis a proposito um freguez que chega... E' um almocreve que traz sem duvida o cavallo desferrado. Alli está o ferro,

e acolá a ferramenta. Accende a forja, toma o que te é preciso... E desde já te previno que nunca eu ponho o meu ferro ao fogo mais de tres vezes. Arranja-te. Ainda ha agua na pia, e carvão no tonel... A' obra pois, meu rapaz! E mestre Eloy, dito isto, voltou á sua contemplação, observando todavia de vez em quando com o canto do olho o trabalho e os gestos do seu aprendiz. Não pôde deixar de admirar desde logo a intelligencia e a dextresa do joven operario; punha logo a mão sobre tudo o que lhe era necessario para a sua obra; e n'esta officina onde elle entrava pela primeira vez, mostrava estar tanto á sua vontade como o proprio dono. Em um instante a forja ficou accesa, o ferro candente, volvido e penetrado.

—Prompto, disse o aprendiz.

Eloy nada via, nem no fogo nem na bigorna.

—Onde está o ferro? Perguntou Eloy impacientado, que por mais que procurasse, nada via.

—Eil-o, disse o aprendiz.

E com o auxilio das tenazes fez saltar ao ar o ferro já forjado, e que esfriava no fundo do tanque.

Eloy tomou-o, e depois de o ter examinado, para occultar o seu despeito, murmurou:

—Não está mau, mas ha cousa melhor...

—Então que falta? Perguntou o aprendiz com voz submissa.

Porém Eloy um pouco perturbado não respondeu, mas por fim disse:

—Que grande cousa fazer uma ferradura! Onde se mostra dextresa e habilidade é em ferrar o animal. Vamos ver isso.

E tomando o cavallo do almocreve que então estava na taberna, pol-o no tronco.

—Oh! Oh! Disse Eloy, este cavallo está desferrado das quatro patas.

—Não importa, disse o aprendiz, isso é negocio de um momento.

E silencioso e modesto forjou como da primeira vez as tres ferraduras com uma dextresa maravilhosa.

Eloy com os olhos arregalados seguia todos os movimentos do aprendiz, e não pensava mais na sua poltrona. A facilidade e o sangue frio do seu aprendiz tinham alguma cousa de maravilhoso.

O ferro na fornalha inflammava-se, tornava-se transparente, e brilhante como o ouro ao mais leve sopro do folle; o vento descia como de si mesmo, sobre a fornalha abrasada, e o grande calor necessario era achado desde logo. Apenas o ferro era posto na bigorna, tomava, como se fôra uma massa, todas as formas que o apren-

diz queria, sem ser necessario repetir o mesmo trabalho duas vezes.

Eloy, fôra de si, corava e impallidava, e não podia crêr o que via. Mas qual não foi o seu espanto, quando viu o seu aprendiz tirar do seu sacco um cutello de forma curva, ir direito ao cavallo, cortar-lhe de um só golpe uma das patas dianteiras, pol-a sobre a bigorna, ferral-a, e tornar a pol-a no seu lugar, ficando tão perfeita como antes, como se não tivera sido cortada, e tudo isto sem que o cavallo coxeasse, ou fizesse o menor movimento ou signal que denotasse dôr, durante tão terrivel operação!

Depois de ferrado o primeiro pé, o aprendiz ferrou os tres restantes pela mesma forma que o primeiro, sempre com o mesmo sangue frio, e o mesmo successo.

Eloy não acreditava o que via, estava immovel, pallido; olhava sem ver o cavallo, que não dava sequer um couce.

O aprendiz, terminado este trabalho, não dizia palavra, como se tivesse praticado a cousa mais simples do mundo, e olhava para o seu mestre pedindo que lhe indicasse outro trabalho.

Eloy saiu enfim do seu torpôr e disse-lhe bruscamente:

—Vae depressa ao rio, no fim d'esta aldeia, buscar duas celhas d'agua fresca. Despacha-te, não te demores no caminho, e prohibo-te de fallar seja com quem fôr.

O joven aprendiz tomou as celhas e partiu.

Apenas desapareceu, Eloy correu ao cavallo, apalpou-lhe as quatro pernas, uma apoz outra, e achou-as tão flexiveis, tão perfeitas e intactas como antes. O cavallo parecia até mais forte e vivo que nunca, e escarvava alegre a terra.

Eloy pega no cutello, vira-o de todos os lados, examina-o em todos os sentidos, e nada acha n'elle de extraordinario.

—E' possivel! Exclamou todo tremulo. Não haverá sortilegio em tudo isto? Não sou eu victima de uma illusão? Ou será isto realmente um segredo d'este criançola? Teria eu achado emfim o meu mestre?

Apenas disse isto, avistou um cavalleiro que se dirigia á sua officina, puxando pela redea um cavallo muito côxo.

Era um militar.

—Olá! Alguem aqui! Clamou elle em um tom breve muito peculiar aos soldados, sobre tudo quando elles têm alguma duvida de ser servidos de graça.

—Aqui estou eu, disse Eloy com muita solicitude, o que era n'elle pouco ou nada natural. Que desejaes de mim?

—Então não vês o meu pobre cavallo? Não sei que diabo de pedras dos vossos caminhos infernaes se metteram nos cascos d'este pobre animal, que o estropearam horrivelmente. Peço-te mestre que o ferres promptamente e sem o ferir ou magoar.

Já lá vão dez annos que elle me serve entre fadigas e perigos e parece ainda um poldro. Vou tomar um copo de vinho na proxima taverna, e volto já. Toma pois cautella no que vais fazer, do contrario, far-te-hei sentir a minha espada no teu lombo.

Eloy já não ouvia as palavras insolentes do soldado, occupado como estava em tomar o cavallo e pol-o no tronco, do mesmo modo e na mesma posição e logar em que estivera o outro.

Tinha de accender a forja, preparar a bigorna e fazer as ferraduras. Uma activade febril agitava-o: era evidente que Eloy queria tirar uma desforra.

—Ah! Seja como fôr, este aprendiz não é nenhum feiticeiro; e porque não farei eu o que elle fez? E se o conseguir, de todos os paizes do mundo virão ver a maravilha, e ninguem quererá os seus cavallos ferrados senão por mim. Vamos, coragem e confiança... Meu Anjo da Guarda assisti-me! E o bravo Eloy, armado do seu cutello lança-se sobre o pobre cavallo, e começa resolutamente a cortar por entre musculos, carne e ossos a pata do cavallo, o que conseguiu depois de violentos esforços. O cavallo porem não soffreu esta operação tão pacificamente como o primeiro: dava couces, debatia-se convulsivamente no tronco, e relinchava de forma que atroava os ouvidos; da perna mutilada saia um esguicho de sangue que ensopava a terra.

Eloy porem não desiste da sua empresa insensata: colloca a pata na bigorna e procura pregar-lhe a ferra dura, mas debalde, porque a pata lhe escapava das mãos a cada momento.

O soldado ao primeiro relincho do seu cavallo, deixa o copo em meio, e corre á officina, e ao ver tal espectáculo, torna-se furioso.

—Miseravel! Estropeastes o meu cavallo, disse espumando de raiva.

Mas Eloy nada ouvia, queria a todo o custo ferrar a pata ensanguentada, o que consegue bem ou mal, e corre ao cavallo que continuava a relinchar desesperadamente; toma a perna mutilada e procura collar n'ella a pata como tinha feito o seu aprendiz no outro cavallo.

O soldado fica um momento estupefacto ao ver este acto de loucura.

Eloy nada vê, completamente com a cabeça perdida, quasi em delirio, contenta-se em dizer:

—Isto é um novo processo, snr. mi-

litar, não vos inquieteis, e vereis o resultado.

Mas por mais que fizesse nada conseguia, e ás tentativas de Eloy o cavallo respondia com couces formidaveis, e relinchos furiosos.

Eloy por fim cansado e completamente desanimado, lança para longe a pata, e contempla a sua obra com um olhar feroz.

—Antes de te matar, has-de pagar-me o cavallo, disse o soldado, agarrando Eloy pelo pescoço.

Mas Eloy, louco de desespero, com o cutello ensanguentado na mão, ia enterral-o no seu peito, quando um braço poderoso o deteve.

—Que fazeis mestre? disse o aprendiz que voltava do rio, arrancando o cutello das mãos de Eloy, e lançando-o longe.

—Ah! Pois não vês a minha desgraça? exclamou Eloy, apontando para o cavallo mutilado, e para o soldado furioso, com o sabre em punho sobre elle.

—Isso não é nada, mestre, em um momento tudo será reparado...

No todo d'este aprendiz havia uma tal auctoridade e firme confiança, que o soldado embainhou o sabre, e Eloy um pouco socegado, pôde ver o que o seu aprendiz fazia. Este apanhou a pata, applicou-a á perna mutilada e esfregou-a um pouco com a palma da mão.

O sangue parou de correr, as carnes dilaceradas juntaram-se, a chaga cicatriza-se, e desapareceu completamente.

O cavallo relincha de prazer e agita a perna com facilidade porque estava perfeitamente são.

O soldado toma o cavallo pela redea, e safou-se sem pagar e sem dizer sequer: obrigado.

Eloy, porem nem n'isso pensava; toma um grande martello e faz voar em estilhaços a famosa taboleta. Em seguida prostra-se aos pés do seu aprendiz e diz-lhe:

—Eis aqui aos vossos pés o mestre dos mestres, que vos pede por sua vez a graça de ser vosso discipulo.

O joven aprendiz considera com bondade o pobre Eloy humilhado, e lhe disse:

—Eloy! Na terra não ha mestre dos mestres, e mestre acima de todos! E' de Deus que nos vem todo o saber, assim como todas as virtudes... A tua assiduidade em orar e o teu amor ao trabalho acharam graça deante de Deus, que me enviou á terra para dar-te esta lição. De ora em deante sê humilde no meio da fortuna e da gloria e só então serás um grande artista. E dizendo isto desapareceu.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 116)

CCCIV

P. Espirito Perenas

ENTRE os muitos jesuitas que no tempo da sua extincção se distinguiram em sciencias e virtudes, no mundo inteiro, conta-se o P. Espirito Perenas, nascido em Avinhão, no anno de 1692.

E' coisa notavel que n'aquella epocha, sendo abolida a Companhia de Jesus sob pretexto de contraria aos poderes do seculo e á paz dos estados e das familias, alem d'outras accusações calunniosas, eram os seus membros geralmente respeitados e considerados em todas as nações.

De todas as partes eram chamados ás universidades e academias, e até empregados na educação de familias particulares. O nome de jesuita era a melhor recommendação do merito litterario e moral do individuo que se procurava para mestre ou director.

O P. Espirito Perenas, de quem agora me occupo, era conhecido em toda a França como um sabio, principalmente nas mathematicas, que foi o seu estudo predilecto e a sua applicação particular.

Antes de caminhar adiante, advertirei (para aquelles que o ignorem) que o nome *Espirito*, dado a este jesuita, não é sobrenome ou appellido; é o seu nome proprio que lhe foi imposto na recepção do baptismo.

E' nome pouco usado, mas antes de Perenas teve o mesmo nome o grande Flechier, Bispo de Nimes, eminente orador sagrado d'aquelle tempo; pois se chamava Espirito Flechier. E foi d'elle que Perenas tomou o nome no baptismo.

Como todos os seus confrades, o P. Perenas era estimado e amado pelos principes e pelos povos. Foi por muitos annos professor real de physica em Marselha, emprego que elle exerceu com distincção.

Não só por seus vastos conhecimentos nas sciencias exactas, como tambem por suas virtudes religiosas se tornou estimavel este jesuita, que falleceu em Avinhão, sua patria, a 4 de fevereiro de 1776.

Deixou grande numero de obras, a maior parte das quaes versam sobre physica, astronomia, algebra e optica. O P. Perenas é numerado entre os

mais illustres sabios da Companhia de Jesus.

—
CCCV

P. Jacques Febure

Foi contemporaneo do antecedente e seu compatriota o P. Jacques Febure, nascido n'uma povoação do Hainaut, no ultimo quartel do seculo XVII. Entrando na Companhia de Jesus, n'ella occupou varios cargos com superioridade, ensinando philosophia no collegio de Douai.

Foi tambem reitor do seminario archiepiscopal de Cambrai, aonde o chamou o Prelado d'esta cidade, devidamente informado das suas altas qualidades.

O Padre Jacques Febure (ou Lefebure, como querem alguns), tinha um tacto particular para instruir e educar os mancebos que se destinavam á vida ecclesiastica e ao ministerio parochial. A este trabalho se dedicou com ardor e assiduidade incansavel.

Falleceu em Valenciennes a 29 de abril de 1755.

Como escriptor catholico, este sabio jesuita publicou algumas obras que tiveram grande successo, pela solidez e methodo com que as elaborou. Teem por fim combater os atheus e deistas e demonstrar que a religião catholica é a unica verdadeira.

A obra mais notavel é a que elle escreveu contra Pedro Bayle. Ahi manifesta as contradicções, as paralogismas, as calumnias, as falsificações e as imposturas d'aquelle famoso sceptico.

(Continua).

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Salustiano, confessor

(Vid. pag. 121)

Um dia apresentou-se ao imperador Decio um menino, que lhe fallou com intimativa, reprehendendo-o pela sua cruel impiedade.

Este menino era Salustiano, e o imperador enfurecido submetteu-o a longos martyrios, que elle soffreu com resignação.

Depois pol-o em liberdade. Mais tarde retirou-se para a Sardenha, onde viveu, dando exemplos da mais evidente santidade.

Depois passou para um deserto, onde falleceu na paz do Senhor, ignorando-se a data do seu nascimento e do seu fallecimento.

*
* *

Morte d'Absalão

(Vid. pag. 127)

Absalão era filho do rei David. Um dia, combatendo contra seu pae, a quem tinha offendido cruelmente, foi completamente batido na floresta de Ephraim.

Para evitar a morte, que seria infallivelmente certa, se cahisse nas mãos dos soldados de David, fugiu.

Atravessando uma floresta, ficou preso pelos cabellos, e pendurado d'um frondoso carvalho.

Um soldado, que o viu n'aquelle estado, foi dizel-o a Joab, um dos chefes do exercito de David, que com trez lanças lhe traspassou o coração.

RETROSPECTO

Anedocta

Passeava no campo uma velhinha com o seu neto, que contava apenas uns seis ou sete annos.

—O' minha avó, disse de subito o pequeno, que faríamos nós se encontrassemos agora aqui um lobo?

—Não penses n'isso, meu patétinha, respondeu a boa da velha. N'este sitio não apparecem lobos, e mesmo se apparecesse algum, cá estava a tua avósinha para te defender... collocava-me logo diante de ti...

—E' verdade, replicou o neto já mais tranquillo; emquanto o lobo comia a avósinha, tinha eu tempo para fugir.

Publicações recebidas

Recebemos as seguintes:

«Exposição da religião christã, posta ao alcance de todos, por um director das catecheses de S. Sulpicio, traduzida da quarta edição por A. Moreira Bello.»

E' um livro muito apreciavel, e muito bem escripto, em que se desfazem as objecções mais communs, contra a nossa santa religião, e as calumnias levantadas por quem tem interesse em denegrir tudo quanto é santo.

A obra é aprovada e indulgenciada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto e tem a approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz de Braga.

E' editora a livraria Academica.

—O fasciculo n.º 17, (tomo 2.º), do «Catecismo de Perseverança», editado pelo infatigavel editor catholico o snr. Antonio Dourado.

Já está prompto o 1.º volume que custa, em brochura, 1\$000 reis. Declara o editor, que logo que a obra esteja concluida, será elevado o preço.

—O numero especial da «Revista Catholica», semanario de Vizeu, dedi-

cado ao centenario da descoberta da India. Vem optimamente collaborada.

Aos ex.^{mos} editores agradecemos o brinde que se dignaram fazer-nos.

Obituario ecclesiastico

Falleceram, durante a quizenza finda, os seguintes ecclesiasticos portuguezes:

Em Lisboa, o Rev. Padre José Feliciano Coelho dos Reis, desembargador da Relação Patriarchal.

Em Guimarães, o Rev. Padre Antonio Gualberto Pereira.

Em Amarante, o Rev. Padre José de Basto Almeida, encomendado da freguezia de Villa Garcia.

Em Cervães, o Rev. Padre João José Caetano Pereira, paroco da Igreja Nova (Barcellos).

No Porto, o Rev. Padee José Eerreira do Casal, antigo professor official de instrucção primaria.

Os nossos artigos

E' extrahido do nosso presado collega «Correio Nacional» o artigo da secção doutrinal d'este numero.

Tambem publicamos na secção critica um notavel artigo devido á penna d'um ecclesiastico tão illustrado, quanto virtuoso, que, em vista da critica, de que se trata, teve de subscreverlo com o pseudonymo de *uma machina pensante*.

Consultas

Consulta 1.ª—Deverá dar se sepultura ecclesiastica a uma creança que foi baptisada particularmente (ensopada lhe chamam por aqui) n'uma mão, unico membro que estava fóra do utero, e duvidando-se se por ventura estaria viva e demais a mais sendo pouco seguras as informações prestadas ao paroco?

2.ª Ficar á igreja violada, fazendo-se o enterramento da creança nas circumstancias apontadas? Eu sei que alguem diz que ainda mesmo no caso de se fazer o enterramento de uma creança não baptisada, mas filha de paes catholicos, não fica por esse facto a igreja violada, e sei até que algum paroco permite taes enterramentos. Será licita esta praxe?

3.ª Deverá proceder-se á exhumação dos pequenos cadavres a fim de se reconciliar a igreja?

Resposta

A' 1.ª E' doutrina assente que administrando-se o baptismo por necessidade em outra parte do corpo que não seja a cabeça, o baptismo se deve tornar a administrar, depois *sub conditione*, dizendo: *Ego te baptizo, si non es baptizatus* etc.

A creança foi baptizada em uma das

mãos por ser o unico membro em que se podia applicar a agua, materia do sacramento do baptismo; e por conseguinte a validade do baptismo é duvidosa.

Supposto que o baptismo assim administrado seja duvidoso, entendemos que se deve conceder sepultura ecclesiastica ao infante, porque a negação de sepultura é um facto odioso e por isso aqui tem cabimento o principio—*odia restringenda*.

Se aquelle baptismo fosse positivamente nullo, com certeza que o cadaver não podia ter sepultura ecclesiastica; mas o baptismo é apenas duvidoso, o que vale o mesmo que dizer que tambem póde ser valido; e por conseguinte na duvida opinamos pela sepultura ecclesiastica, devida aos infantes, que morrem baptizados.

A' 2.^a Está prejudicada pela resposta procedente. Não é licita a praxe dos parochos que dão sepultura ecclesiastica aos filhos não baptizados de catholicos; mas, se lh'a derem, não fica polluta a igreja ou cemiterio, segundo a opinião que Ferraris diz não carecer de probabilidade.

A' 3.^a Se a igreja não ficou polluta pelo enterramento dos pequenos cadaveres, como sustentam alguns, é claro não ser preciso desenterrar-os nem fazer a reconciliação.

Não se requer a reconciliação para o que não foi polluto.

A' 4.^a Quando a criança morre em seguida ao baptismo de necessidade, o parochos deverá fazer o registo de nascimento e obito? Tal é, segundo nos parece, a pergunta do nosso consulente.

Já a constituição diocesana, Tit. 2.^o Const. 8.^a, prescrevia que houvesse em todas as freguezias um livro para n'elle se escreverem os baptizados, chrismados, casados e defuntos. Prevenindo o caso da criança ter sido baptizada por necessidade, em casa ou no campo, ordenava que se fizesse a declaração de quem a baptizou, e, se os houve, quem foram os padrinhos.

O diploma que actualmente regula esta materia é o decreto de 2 de abril de 1862. Este documento não suppõe o caso do infante receber o baptismo de necessidade, morrendo depois sem ter sido levado á igreja, para ahi se supprerem as ceremonias mandadas no ritual.

O decreto depois de dizer que o registo parochial comprehende o registo dos baptismos, o dos casamentos, o dos obitos e o do reconhecimento e legitimação dos filhos (art. 4.^o) diz no artigo 11.^o—«Nenhum assento deve conter mais declarações do que as determinadas por este decreto...»

O art. 12.^o, ensinando o que se deve

escrever na columna que fica ao lado da dos assentos, diz em o n.^o 2.^o «O nome da pessoa ou pessoas a quem diz respeito o assento.»

O art. 13.^o, ordenando o que os assentos de Baptismo devem declarar, diz em o n.^o 4.^o «O sexo do individuo baptizado e o nome que lhe foi posto.»

Ora no baptismo de necessidade não se dá nome á criança, o que se reserva para quando na igreja se suppre as ceremonias.

Além disso o modelo n.^o 1, anexo ao decreto de 2 de abril de 1862 regulando a fórma, segundo a qual se deve fazer o assento diz: *baptisei solemnemente um individuo... a quem dei o nome de... etc.*

Por tudo isto é claro que o decreto de 2 de abril suppõe ter nome a criança, cujo assento se faz, e que é levada á igreja, depois de lhe ser administrado o baptismo de necessidade; e por conseguinte não comprehende o caso da mesma criança ter fallecido em seguida ao baptismo, que lhe foi administrado em casa, ou no campo.

A referida Constituição diocesana no logar citado e, segundo se infere do seu dizer, não previne este caso, ao menos claramente?

Venhamos agora a outro ponto. O parochos não é obrigado a fazer o assento de obito da criança que morre nas condições supracitadas?

O mesmo decreto de 2 de abril de 1862, indicando as declarações que o assento de obito ha-de comprehender, diz em o n.^o 4.^o—«O nome, sexo, idade... etc.

Por aqui se vê que o parochos, fazendo o registo de um obito, deve declarar o nome da pessoa fallecida, de accordo com aquelle n.^o 4.^o Mas quando a criança falleça antes de lhe ser dado o nome, como acontece no baptismo de necessidade, não se pode cumprir aquella determinação do decreto.

Em virtude do exposto, julgamos que nos termos do decreto de 2 de abril de 1862 o parochos não tem obrigação de fazer o assento de obito de uma criança, que morreu ou sem baptismo, ou apenas com baptismo de necessidade.

Fructos d'uma missão

Na missão dada ultimamente em Nave de Luarca pelos virtuosos e infatigaveis Padres Santos e Conde, da Companhia de Jesus, foi necessario levantar no campo da missão um altar provisorio para que umas dezeseite mil pessoas podessem receber a Sagrada Communhão.

Verdadeiro patriotismo

E' verdadeiramente commovedor o seguinte rasgo de patriotismo occorrido em Fuensanta, Hespanha.

A junta de subscrição d'esta povoação andava recolhendo esmolos entre os seus habitantes, e chegou á misera casa d'uma pobre que tem um filho em serviço no batalhão de Pizarro, de operações em Cuba.

Não tendo esta outro recurso, entregou aos membros da Junta um ovo de gallinha, unico alimento que tinha para comer n'aquelle dia.

A Junta acceitou a offerta com reconhecimento e na occasião o Parochos comprou o ovo por cem pesetas, dando, além d'isso, uma esmola á generosa velha.

Uma preciosa reliquia

Em Turim celebraram-se ultimamente solemnes festas religiosas em honra do sagrado lençol, preciosa reliquia da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo, que se conserva na cidade piemontesa.

O sagrado lençol, comprado por José de Arimathea para envolver o corpo do Senhor, foi passado com piedosa veneração de seculo em seculo, e levado a diversas partes. Em 1453 estava em Chambery; em 1478 foi exposto á veneração publica em Pinerolo, achando-se alli a duqueza de Hollanda, esposa de Amadeu IX de Saboya; em 1578 foi venerada em Turim, para onde a enviou Hugo de Lusignano, por varias personagens illustres, entre os quaes se achava S. Carlos Borromeu.

Esta insigne reliquia é d'um linho finissimo, que se fabricava em Sidon. Mostra uma dupla imagem de homem impressa pelo corpo ensanguentado do Redemptor.

Aos Rev.^{mos} Sacerdotes

Tendo sido decretados por S. S. o Papa Leão XIII, em dezembro de 1897 *modificações no missal e breviario romano*, annuncia a *Voz da Verdade*, jornal de Braga, que estão sendo impressas em opusculo essas modificações, tendo aproximadamente 50 paginas de texto, e custa cada exemplar 100 reis. Pedese, pois, a todos os sacerdotes que desejarem este opusculo, o obsequio de fazerem já o pedido áquelle jornal, accompanhando-o da respectiva importancia.

Um pedreiro livre

Dizem alguns jornaes francezes que, em Reims, voltava um pedreiro livre d'um enterro civil, e encontrou uma sua filha de 10 annos, em perigo de vida, porque, tendo sahido á rua, a lança d'uma carruagem a ferira na cabeça.

Consternado de dor, promette que a mandaria baptisar, se a creança não morresse d'aquelle accidente.

A petição foi despachada por Deus, e a promessa foi satisfeita.

NOVENA
DE
PREPARAÇÃO PARA A FESTA
DO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
PELO
Padre CARLOS BORGHI
da COMPANHIA DE JESUS
TRADUÇÃO DO ITALIANO
Approved pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo}
SNR. D. AMÉRICO,
Cardeal Bispo do Porto

Encadernado 200 réis
(Serve também para a 1.^a sexta-feira de todos os mezes).

A' venda no escriptorio de Antonio Dourado, editor catholico, Rua dos Martyres da Liberdade, 165—Porto, e em todas as livrarias.

CATECISMO
PARA USO DO POVO
CONTRA O
Protestantismo
COMPOSTO PELO
CARDEAL CUESTA
Arcebispo de S. Thiago

Approved e recommendado pelo Em.^{mo} Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

Preço: cada exemplar 50
25 " 1\$000
50 " 1\$700
100 " 2\$800
1\$000 " 16\$000

Vende-se unicamente em casa do editor catholico José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria n.º 74.

Os portes são por conta do comprador.

PHILOSOPHIA POPULAR
A CONFISSÃO SACRAMENTAL
PELO
PADRE MANUEL MARINHO
Approved e recommendada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto
1 vol. broch., 250—Pelo correio, 275
A' venda na administração d'este jornal e nas principaes livrarias do Porto.

AS CHAMMAS
DO
AMOR DE JESUS
OU

Provas do ardente amor
Que Jesus Christo nos tem testemunhado na obra da nossa Redempção

PELO
ABBADÉ D. PINNARD
Traduzido pelo rev. sr. Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães — Precedida de uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios diocesanos do Porto

E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Eminentissimo Senhor Cardeal D. Americo, Bispo do Porto—Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Excellentissimos e Reverendissimos Senhores Bispos de Angra, de Macau, do Funchal e Arcebispo Bispo do Algarve.

Encadernado 600 reis
Pelo correio 640 »
Este precioso livro é muito recommendavel para o santo tempo da

QUARESMA
para o que tem

Quarenta devotissimas meditações

HISTORIA
DE
S. FRANCISCO DE SALLES
PELO
MARQUEZ DE SÉGUR
Tradução da 18.^a edição franceza. por M. Fonseca
Preço. broch. franco de (porte), 600 reis.

Tudo por Jesus
OU
CAMINHOS FACEIS DO AMOR DIVINO
PELO

P.^e Frederico William Faber
Superior do Oratorio de S. Filippe de Nery de Londres, Doutor em Theologia

Obra traduzida do inglez para o francez
POR

M. DE BERNHART
e d'esta lingua para o portuguez

POR
M. Preto Pacheco
1 VOL. BROCH. 600; ENC. 800

HORAS DE PIEDADE
OU
Orações Selectas

Com approvação e recommendação de S. Em.^a o Snr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

NONA EDIÇÃO
Coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol. enc., 250
edição de luxo, 500

RESUMO
DA
DOCTRINA CRISTÁ
Com approvação de s. em.^a rev.^{ma} O SNR. CARDEAL BISPO DO PORTO
Cada cento 1\$000 reis
Cada 50 700 »
Cada 25 400 »
A' venda em casa do editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria 72 a 74—PORTO.

TYPOGRAPHIA
DE
J. Fructuoso da Fonseca
74—RUADA PICARIA—74

Esta typographia acaba de ser montada com todos os typos que são necessarios para apresentar aos seus amigos e freguezes bons e excellentes trabalhos e encarrega-se de tudo que diga respeito a typographia.

Tambem se acha habilitada para imprimir cartazes a cores.

BILHETES DE VISITA

Tambem se imprimem bilhetes de visita para todos os preços á vontade do freguez.